

# Os Carregadores de um Entrepósito de Abastecimento: um Trabalho Precário

Aparecida Mari Iguti

## Horticultural Market Porters: Dangerous Employment

---

Médica do trabalho, Docente do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP – SP.

Neste trabalho, entrevistamos 20 carregadores da CEASA de Campinas, enfocando suas condições de vida e de trabalho, em especial relacionado às formas precárias, numa das muitas facetas do mundo do trabalho da atualidade.

**Palavras-chaves** Trabalho, Precariedade, Carregadores de Cargas, Trabalho Informal.

For this study, we interviewed 20 porters at the CEASA, a horticultural supply post, in Campinas, State of São Paulo, with special attention being given to the precarious type of work, in one of the many facets of present-day work conditions.

**Keywords** Work, Precariousness, Porters, Irregular Employment.

“(Bom carregador) É saber tratar bem do homem de pedra, tratar bem do freguês e saber fazer uma carga. Fazer uma carga é saber pegar mercadoria, não pegar uma mercadoria fraca: vamos supor, você pega esse monte de milho, tem que saber pegar o bom. Caixa de alface tem duas camadas, doze pés ou três camadas, 18 pés, até 24 pés. Se pegar de três camadas, já não é bom carregador; é prá pegar vagem manteiga, que é fininha, pega vagem grossa; aí tem que trocar. Tem que saber escolher a mercadoria, porque aí, a mercadoria que o freguês vende, tem mais qualidade”

## **A motivação deste trabalho**

Em 1995 o Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, através de dois docentes, iniciou um trabalho junto à CEASA de Campinas para conhecer as condições de trabalho, e dentro das possibilidades, de elaborar um programa para os seus trabalhadores. Meu interesse centrou-se nos carregadores pois, segundo se comentava, a frequência de casos de lombalgia era muito alta. A fim de podermos ser aceitos e legitimados no serviço, uma vez formalizada nossa presença, passamos a atender os que procuravam, espontaneamente o posto de saúde municipal local; estivemos integrados à equipe local, e o atendimento buscou centrar nos que apresentavam problemas crônicos; foi dada uma ênfase nos que tinham queixas relacionadas à coluna. Tendo percebido, neste contexto que os carregadores não procuravam o ambulatório, e sim, trabalhadores de outras atividades, tais como, cozinheiras com uma certa idade, pessoal de limpeza geral e outros, veio-me a indagação sobre o que se passava, exatamente, com os carregadores. Para conhecer um pouco sobre seu trabalho e seu mundo, decidi entrevistá-los. Esta é a motivação deste trabalho.

## **O método e os entrevistados**

Foram feitas visitas aos locais de trabalho e as entrevistas ocorreram no local de

trabalho, em horário de “fim de feira” (entre 10:00 e 11:00 horas). Foram 23 os entrevistados, ao longo do ano de 1998, sendo 20 carregadores, dois permissionários, “donos de pedra” (são os que obtêm a permissão, na forma de concessão, para comercializar produtos, em espaços pré delimitados) e um consertador de carrinhos. As entrevistas foram realizadas, uma vez por semana, em geral na sexta feira. Perguntou-se ao trabalhador se aceitava ser entrevistado e tendo-se o consentimento, procedeu-se a uma entrevista, com um pequeno roteiro, onde se priorizou a descrição de “um dia de feira” para o carregador. A partir deste “aquecimento”, diferentes assuntos foram abordados. Sete carregadores recusaram-se a participar das entrevistas. Não foram feitas gravações, sendo anotado, diretamente, em caderno. Ao final de cada entrevista, foram feitas leituras sobre suas falas (que se tentou manter o mais fiel possível). Todas as entrevistas foram feitas pela autora do trabalho. Nas falas dos trabalhadores, cujo eixo central foi o de fazer o trabalho, diversos aspectos da precariedade foram aparecendo. Esta é a razão de ser desta temática, como eixo organizador do texto.

## **A Ceasa e o trabalho dos carregadores**

Recebe 460.000.000 de quilos de produtos (dados de 1993, PMC, 1994); que são carregados e descarregados, anualmente. Circulam, nos momentos de pico, algo em torno de 16.000 pessoas; sua “população” constante é de 3.000 a 4.000 pessoas. Possui em sua estrutura, quatro bancos, 10 restaurantes, e x permissionários que vendem seus produtos, nas chamadas “pedras” e nos “boxes”.

As atividades concentram-se na venda atacada de produtos hortifrutigrangeiros, nas segundas, quartas e sextas feiras, aos quais denominam, “dias de feira”. Nas terças e quintas feiras, são os dias de mercado de flores. Os boxes funcionam de forma contínua, de segunda a sábado, e uma diferença é o fato de possuírem sistemas de refrigeração, para conservação de frutas em especial, e serem fixos e possuírem uma área construída definida. O entreposto ainda conta com venda de carnes e peixes. Os carregadores são em torno

de 800, mas estes números não são considerados unanimidade pelos carregadores, que acreditam serem muito maior (chegam a estimar até o dobro).

Para trabalhar, os carregadores necessitam, em primeiro lugar, de serem cadastrados na CEASA; precisam de um carrinho para o transporte, cujas características são: possuir duas rodas traseiras e dois apoios de ferro para a parte da "frente". A distribuição dentro das diferentes áreas da CEASA não ficou muito clara. Muitos trabalham "fixo" para um permissionário "dono de pedra", fazendo a descarga dos produtos, e depois, para alguns "fregueses" ou "clientes" o carregamento das mercadorias. Muitos fregueses costumam ser "fiéis" e contratar o trabalho do mesmo carregador; mas ocorre de aparecerem alguns, que contratam só para uma "viajinha". As atividades não são homogêneas e não costumam ocupar todos os dias da semana, mais nos dias de feira, e ainda assim, de forma desigual; a sexta feira é a mais forte; durante o ano, também existem.

O trabalho é feito das 7:00 - 8:00 horas, para a descarga e 9:00 em diante, o carregamento; por volta das 11:30 horas quase já terminou ...é o fim de feira.

## O que é o trabalho precário?

DESSORS (1994), referindo-se ao trabalho precário, faz uma conceituação ampliada, da instabilidade e da fragilidade a que se submete o trabalhador, nesta situação, em especial, relacionada à sua duração. Prefere não definir a precarização e deixar em aberto, defendendo a sua complexidade e a "multiplicidade de ressonâncias". Considera como uma situação ampla, existente mesmo para casos em que os próprios trabalhadores, ainda não se consideram diretamente envolvidos nessa situação, mas cujas situações podem apresentar a ameaça de instabilidade. Mesmo os que estariam, aparentemente, ao abrigo desta situação, são passíveis de sofrer a situação de desestabilização, que passa desde a situação brutal do *downsizing*, até a hipocrisia dos planos sociais. Mas ocorre também por remanejamento de horários, transferências, e todo um arsenal de ajus-

tes à lógica de produção, que mesmo procurando preservar a harmonia em condições aceitáveis de trabalho, eliminam pessoas e fragilizam o trabalho de outros.

## Para SANDRET (1995) o trabalho precário implica também em:

### A impressão de serem tomados por objetos

"A gente é como garrafa descartável, bebeu a água, joga fora..." (carregador, 33 anos de CEASA)

"Esse dinheiro do SOLO, apesar de ser pouco, ele vai e não volta, não traz benefício nenhum...nem barracão, nem isso eles fizeram...antes, tinha uma associação, agora, não tem mais; porque teria que pagar mensalidade também...como a maioria não pode pagar, foi extinguida e assim é.

O que aconteceu: o CEASA não negocia mais com carregador, colocam quantos carregadores que quiser: é muito carregador prá pouco serviço.

"Tem pessoas que você ajuda e elas não ajudam você. Na hora que você mais precisa, prejudicam você; e aqui tá cheio. Você cumprimenta, mas é só prá manter."

### A exclusão do coletivo do trabalho

"Tem muito carregador aí que maltrata a gente à toa, é bruto... é preciso ter muita paciência..." (iniciante)

"[O pior] É a desunião, é cada um por si, enquanto tá ganhando; só quando tem problema vem conversar. Tem carregador que nem te olha na cara, quando você precisa subir na rampa com carga, porque não dá pra puxar sozinho, ele vira a cara, faz de conta que não é com ele. Mas, todo mundo precisa, sabe? Daí quando chegar a vez dele...e ele nem percebe isso."

### Da ausência de reconhecimento de sua profissão

É um serviço que ninguém reconhece, ninguém dá valor pro serviço. Você entra de mão vazia e sai de mão vazia. A gente

não tem garantia, carteira assinada, férias, décimo terceiro. A gente fica doente, só recebe um salário, e olha lá, demora quatro a seis meses. Não tem estabilidade, hoje você tem patrão, amanhã você não tem. Patrão quer dizer compromisso; hoje tem compromisso, amanhã ele já não quer.”

“É a ignorância, às vezes, até dos parceiros de serviço, os comerciários em geral, que tratam a gente com inferioridade”

**A intensificação do trabalho:** exigências crescentes, sem realização subjetiva/criativa do ser humano.

“A gente vai até o limite, sempre; mais a gente não agüenta...”

**Aumento dos excluídos** (sem estrutura de serviços, sem acesso aos bens de consumo, sem direito à cidadania)

“O trabalho do carregador influi até lá fora, a gente vai comprar “à prestação, não tem como comprovar renda, aí não pode comprar. Mas, a gente fica, porque o desemprego lá fora tá bravo, **é melhor ficar aqui: é melhor pingar algum do que secar**”

Assim, HIRATA (1998) considera que uma das consequências dos novos modelos produtivos é o da precarização do trabalho, referindo-se a uma dupla transformação, tanto no seu conteúdo, como na forma, que observa como sendo aparentemente paradoxal, em que há uma dupla mão, por um lado, a exigência de estabilização, de implicação do sujeito no processo de trabalho, através de atividades que requerem autonomia, iniciativa, responsabilidade, comunicação e, por outro, verifica-se o processo de instabilidade, de precarização dos laços empregatícios, com desemprego prolongado, formas de emprego precário e da flexibilidade no uso da mão de obra e das atividades temporárias, não estáveis. Nota-se o aumento da vulnerabilidade no trabalho.

“A gente não tem patrão de verdade, mas o dono da pedra, a gente fica fixo, senão não tem nenhuma segurança...”mas, não pode ficar doente, porque senão ele substitui, é certo, porque não pode ficar dependendo, né? ... quebra o galho da gente, faz algum adiantamento se a gente fica apertado...”

“Eu trabalhei prá um senhor aqui den-

tro, 10 anos e 3 meses. Quando foi segunda feira, ele simplesmente me dispensou. Se fosse registrado, teria algum direito; como não tenho, fica assim mesmo. Ele prometeu pagar o INPS atrasado; se pagar, com o tempo que tenho, acho que posso me aposentar: são 19 anos de insalubridade, me falaram que cada ano vale dois, se for, homem se aposenta com 35, acho que pode dar, precisa levantar...”

“Não pode [colocar substituto], acho errado, estando num serviço como esse, fica doente, precisa, né? Lógico não pode colocar qualquer um, que pode ser perigoso, se a pessoa não tem experiência, não tem noção. Mas uma pessoa de confiança, até que o carregador acompanha o serviço, se ele não pode fazer força, né? ”

Aliás, o que é precário não é somente o trabalho em si, mas, as condições de vida em geral. O sistema de transportes coletivos, por exemplo, e a necessidade de deslocar-se até o trabalho. É acordar cedo, é enfrentar condições difíceis:

“É acordar 4:30; o ônibus demora 45 minutos para chegar; se perde o ônibus, espera mais uma hora; alguns têm carro velho, mas a maioria vem de ônibus; chega aqui às 6:20, no mais tardar 7:00 horas, pra descarregar as mercadorias.”

“Acordo na base de 4 horas da manhã, todos os dias, eu e minha mulher que trabalha no ITAL, tomamos o café da manhã, tomo dois ônibus pra vim; 5:30 no bairro e depois 6:20 no mercado. Preciso sair cedo, senão não alcanço 6:20 no mercado...chego numa base de cinco pras sete, mais ou menos...”

“Acordo três horas, que é prá não perder hora; tenho que sair 4:30 de casa, tomo três ônibus prá vir...”

“Acordo 5:30, venho de bicicleta”

## Quem são estes carregadores

CINGOLANNI (1986), em estudo sobre trabalhadores precários, faz algumas distinções, tendo, inicialmente, encontrado dificuldades para estabelecer, exatamente o que seriam os trabalhadores precários. Primeiro defrontou-se com uma multiplicidade de variáveis e categorias. Mas, caracterizou da seguinte forma: instabilidade nos empregos, com mudanças fre-

quentes e a intermitência de empregos. Esta caracterização de precariedade só seria possível se levantarmos a estória de empregos, ao longo dos anos, dos trabalhadores. Encontrou diferenças entre os trabalhadores, que classificou em quatro categorias:

1) indivíduos que ficam nesta situação, em função do desemprego, e que buscam fazer alguma formação e encontrar empregos típicos e estáveis.

*"Eu queria, sempre quis ser professor...mas ia precisar fazer faculdade, comecei o colegial muito tarde, terminei com 28 anos de idade (neste ano)...com o que ganho, não dá prá pagar mensalidade de faculdade..."*

2) Indivíduos em dúvida sobre o futuro, bastante desorientados e que buscam a estabilidade, a qualquer preço, e o fim da precariedade

*- "Trabalhava em agricultura, morava em Pernambuco, vim com a família toda, trouxe tudo, a tralha toda...Lá era assim: plantava, vinha a chuva, acabava tudo...vinha o sol, acabava também...tinha criação, não tinha água, morria tudo..."*

*"Depois de 10 anos, fico sem ação, sem receber nada. Se conseguir outro serviço, tudo bem, se não, a gente passa necessidade, a família passa necessidade. Devido à idade, as firmas não pegam mais a gente, aí se não encontrar serviço, a gente passa necessidade."*

*"Minha idéia é desistir, parar - entrei com 16 anos, disse que quando chegasse a 28, ia parar...se encontrasse algum serviço...mas, a situação tá difícil, essa em que se encontra o país...difícil."*

3) indivíduos com perfil variado, agrupados por apresentar atividades laborais 'atípicos', e que a crise econômica, só faz piorar, e que aceitam como continuação, este tipo de trabalho.

*"Aqui prá mim é normal, a senhora sabe, a gente não tem estudo nem nada, então aqui é bom... não dá prá fazer ficha em firma, nem nada, então é aqui mesmo"*

*"De CEASA tenho 14 anos, mas trabalhei em box desde 79...trabalhei um tempo fora, na TELEBRAS, na construção...entrei como servente, fui prá carpinteiro, mas larguei porque não dá prá saúde, não aquelas alturas, lá no alto... o pedreiro é mais fácil, chega prá fazer o serviço, o trabalho já tá feito, o carpinteiro*

*chega antes prá instalar os andaimes, lá no vazio, altura, não dá não..."*

*"Eu trabalhei registrado 19 anos, eu trabalhei desde 1968. Como trabalhava registrado, eu já trabalhei como operador de máquina, como conferente, como programador de produção...nas primeiras firmas também trabalhei com química, como preparador de pasta de polir. Nessas firmas de metalúrgica, tudo insalubre."*

*"A Sra. não acredita, eu SOU MOTORISTA, PROFISSIONAL E TUDO, de carga mesmo, acredita nisso? Mas tá ruim não dá, aqui é melhor, estou perto de minha casa... eles mandam a gente lá pro norte, longe, estrada ruim, a gente vai e nem sabe se volta...ainda pego alguma carga, perto, às vezes, mas aí tem pouco, todo mundo quer, né? "*

*"Eu trabalhava com madeira, era marceneiro, tinha profissão, registrado em carteira e tudo...trabalhava com acabamento de móveis"*

*"Eu trabalhava numa firma multinacional, a ENGESA, é essa que fabrica armas mesmo; aí o que aconteceu: através de um irmão que trabalha 27 anos aqui, aí esse patrão apartou de um sócio e queria uma pessoa de confiança que entendesse de burocracia; conversamos, eu tinha um salário, ele cobriu o valor e eu vim ; ele disse: se ele subir, eu subia junto; aí ele prometeu registrar, e foi passando e aí até agora não registrou. Até registrou outras pessoas, e eu aqui."*

4) O quarto grupo tem uma especificidade: trata-se de indivíduos que apresentam uma aversão pela disciplina produtiva

*"Já trabalhei de empregado, a gente fica preso, preso mesmo. Tem hora prá entrar, hora prá sair; não pode parar prá respirar, tomar água. Aqui não, cansou, dá uma paradinha, toma uma água, dá um tempinho, come uma fruta, é muito melhor..."*

*"Só uma vez trabalhei como empregado, um ano e meio; você chega e fica o tempo todo, e podem ficar te mandando, e isso e aquilo. Além do mais, o que você ganha lá, em um ano, aqui, você ganha em dois meses."*

*"O fato de não ter ninguém que mande fazer as coisas, eu sei meu serviço, não precisa ninguém dizer, acho que é um dos*

*motivos que estou aqui até agora."*

*"O serviço não é direto, o grosso é segunda, quarta e sexta; aí é isso que segura a gente, dá prá resolver outros problemas. Eu mesmo não precisava vir na terça e quinta porque não tinha carregamento."*

Os processos de criação e recriação de desigualdades e da incapacidade da economia, em absorver a população ativa em níveis socialmente satisfatórios levam à 'nova pobreza' um fenômeno de degradação, de enfraquecimento gradual e contínuo, degradação essa definida como processo de deterioração das condições econômicas e sociais de uma parcela da sociedade, com consequente rebaixamento do status relativo; com este termo, nova pobreza, designamos os indivíduos que não dispõem de recursos para assegurar a sua própria sobrevivência e cuja situação de precariedade e fragilidade penaliza, a cada vez mais, suas chances de reinserção. (CATANI, 1996). As nossas observações dizem respeito às origens e as histórias de vida destes indivíduos.

## **Como chegam ao entreposto**

Na verdade, quando se pergunta à administração, explicam-nos que carregadores são cadastrados, até um certo número, e que existe uma "fila" de espera. Na prática, existem trabalhadores dos boxes (em geral são registrados em carteira, costumam ser formalizados, trabalham de segunda a sábado, e os chamados "autônomos", que são os "controlados" pela administração local; estes possuem um carrinho, podem se deslocar por toda área; os dos boxes, só podem trabalhar nas áreas de boxes. Fora destes, existem os que trabalham, sem direito a possuir um carrinho; ou seja ajudam os cadastrados (ou mesmo trabalham para eles - sublocação); em geral, já fizeram "a ficha" e estão na lista de espera, para serem chamados. A espera pode ser longa. Este cadastro não é, necessariamente, aberto ou simples; existem as 'indicações'. Às vezes, acontece de uma substituição acontecer, quando o carregador adoece ou morre, e a vaga ficar para um filho ou parente.

*"Um parente de minha mulher, que era carregador, morreu e eu entrei na vaga dele.*

*"Tem dois tipos de carregador aqui, o que pode ter carrinho, de azul e o que não pode, vermelho, como se fosse trabalho de "bico", mas não é, é cadastrado e tudo. "Conforme os de azul vão desistindo, saindo, em caso de falecimento, de doença, os de vermelho vão entrando... a gente fica esperando eles morrerem ou então desistirem que é pra gente entrar..."(vermelhos bem jovens)*

*"Conheço o Entreposto, desde pequeno, meu pai trabalhou aqui, construindo o Ceasa, que era pequeno; hoje cresceu muito, dá pra todo mundo trabalhar, não ia poder ficar só uns trinta carregadores, como antes, não, isso cresceu muito, veja a quantidade de mercadoria, de gente, essas pedras todas..."*

## **Prova de fogo: o início**

Quando os carregadores começam, são chamados de "cabaço", principiante, iniciante, aquele que ainda não domina o saber do trabalho; existe uma certa diferenciação entre eles e riem-se dos novatos que passam por uma espécie de prova de fogo. DEJOURS (1987) nos fala do "enquadramento" dos jovens trabalhadores, recém-chegados a uma equipe. Diz que são submetidos a verdadeiros testes, são gozados a respeito da própria virilidade, exigem-se certas proezas físicas, são observados: são submetidos ao teste da ideologia-defesa. Se não suportarem este ambiente de trabalho, devem partir, o que ocorre, de tempos em tempos.

*"Cabaço é um que não sabe trabalhar"; a gente diz 'cabacinho' prá novato..."*

*"Dá prá ver quando tá puxando carrinho - fica com o braço duro, não dobra o braço porque tem medo que empina..." (ri) "É uma pessoa que começa hoje e só atrapalha: pega uma caixa e derruba; puxa o carrinho e empina; passa, não presta atenção, e passa por cima do pé de uma pessoa; é o estreante, o principiante, este é o cabaço"*

*"A gente vê ele fazendo muita força, sem precisão, ele faz muita força no braço, ele deixa o carrinho não equilibrado... a gente vê, pela cara, que faz muita força, a gente vê a dificuldade de encostar o*

carrinho...prá encostar o carrinho tem de olhar de lado e ir afastando, né?

*"Quando cheguei, logo, era cabaça, cabaça, perguntei que diabo era isso...No começo é difícil, o carrinho empina, quebra, o braço dói muito, até uns dois meses"*

*"Todo novo que entra, quer mostrar serviço, fazer mais rápido, pegar mais carga. O pessoal fica só olhando, já sabe que não vai agüentar, vai se arrebrantar todo"*

*"A gente tem que aprender a se virar, conhecer... tem novatos, chegam, e não ficam, não é fácil..."*

Os carregadores dizem 'empinar' o carrinho, quando está carregado e que ao fazer um movimento qualquer, e em particular, ao subir rampas, o carrinho faz um movimento brusco para trás, empinando, como um cavalo e derrubando toda carga. Caso a carga seja de mercadorias frágeis, pode se perder tudo. Quem paga o prejuízo? Alguns donos de carga são compreensivos e pagam por exemplo, a metade; mas, a maioria obriga o carregador a pagar tudo. Como eles não têm dinheiro suficiente, pagam, com trabalho, ao longo de semanas ou meses. Além do mais, o carrinho tende a quebrar, com o impacto da virada, impedindo o carregador de trabalhar, por dias ou até semanas, conforme a gravidade do estrago.

*"Foi o jeito de basear ele no braço, a gente tinha medo de empurrar, saber a base de puxar o carrinho...virar, o carrinho virou, com laranja, esparramou laranja foi prá todo lado...se bate sementinha de pêssego, uva, assim de lado, na roda, e passa despercebido, vira.. agora não, a gente segura.. a gente tá mais firme, mesmo assim acontece, é perigoso..."*

*"Isso aí você aprende com o tempo, começa com sete caixas, depois dez...aí você começa a tombar o carrinho, aí aprende, naturalmente..."*

*"Se a pessoa tá começando, é preferível carregar dianteiro, porque o peso fica mais aí, **mas empina** menos (mas fica mais pesado pra carregar). Depois, você pega prática, fica mais leve carregar na traseira, manusear ele..."*

*"Tem carga e descarga. Carga são essas viajinhas aí, se leva prá lá (aponta um local distante), quando volta, de carrinho vazio, já deu prá descansar um pouco.*

*Descarga não, é mais difícil, porque o trabalho é direto, não para até acabar. Descarga, se são 200 caixas, só para quando acabar."*

*"Só empinei uma vez, tava carregando 194 caixas de morango... Ah, foi difícil, né? tava trabalhando prá esse patrão mesmo, levei dois meses prá pagar a dívida, foi duro..."*

*"Primeiro comecei nos box, de laranja; no começo era difícil, empinava o carrinho, não tinha prática. Depois de uma semana, a gente vai bem. Eles ensinam, primeiro coloca uma caixa no pé do carrinho que é pra apoiar, depois enche; começa com 10 caixas, depois de um dia já coloca quinze. Se não der problema de coluna, já leva 15-20 caixas. O normal aqui é 20 caixas, de pesado, quando você já está aprovado no serviço."*

## **Ser um bom carregador: a luta pela estabilidade**

CLOT (1995) observou em diferentes situações de trabalho, a "eficácia do trabalho, apesar de tudo". E foi uma fala de um trabalhador que despertou sua atenção: "Apesar de tudo, o trabalho sério é incontestável" E é através da engenhosidade compensatória, um tipo de engajamento profissional, para fazer o que é necessário ser feito, que os trabalhadores superam os obstáculos do trabalho.

*"Aprender a trabalhar no mercado central. Ali adquire muito cuidado. Você tem que ter cuidado com a mercadoria, como comprador e com a seleção de mercadoria. Existe vários, né? Tomate, existe quatro seleções: extra 1A, 1A, extra B, extrinha. Ainda tem verde ou vermelho. Do caminhão, chega tudo misturado. Aí põe no carrinho e tem que separar. Esse, é o mais fácil. Tem seleção de figo, de goiaba que é pior, tem de oito a vinte e dois, quer dizer, é a quantidade que vai dentro da embalagem..."*

Para se tornar um bom carregador, não é tarefa tão simples como se possa pensar; tem a carga, a descarga, a distribuição da carga no carrinho, a forma de segurar o carrinho, o cuidado com a carga, o saber escolher ou conferir a mercadoria, e as relações com o "freguês" (é preciso conquistá-lo

com um bom trabalho e criar confiança) e o “patrão” (dono de pedra ou box). Também não pode “empinar”, que é quando o carrinho alavanca para trás, e nada consegue segurá-lo. Nestas ocasiões, é frequente perder ou estragar parte da mercadoria e pior, quebrar a grade do carrinho, este sim, um grande prejuízo. Além do mais, é preciso se cuidar, cuidar do corpo, para não adoecer, e esta tarefa faz parte do trabalho do carregador.

Existem aspectos “morais” existe a valorização da **honestidade**:

*“Precisa ser honesto, rápido e inteligente...de repente, tem pessoas que não sabem como trabalhar...vamos supor, vamos carregar dois caminhões, eu um e você outro, temos a mesma quantidade; se você for bom, carrega na metade do tempo...”*

*“Existe o mau carregador - até já mandaram embora uns par deles; vai pegar 10 caixa, pega onze; chegam pegam 10-11 tomate da caixa aberta, guardam na sacola.”*

*Tem que ser honesto, principalmente, não mexer em nada, sem pedir autorização, se quiser alguma coisa, pedir antes...”*

Da educação, da eficiência, do cuidado  
*“Tem educação prá mexer com a pessoa, que não bate caixa, não joga, que estraga mercadoria”*

*“Que sabe tratar o cliente da gente, porque se sabe tratar, tem o tempo todo (fixo); saber pegar a mercadoria; corrigir a mercadoria: a gente abre a caixa, se a mercadoria não for boa, troca a mercadoria”*

*“Por exemplo, você tem que ver o tipo de caixaria a carregar, se carregar caixa e engradado, primeiro as caixas, e depois os engradados; se tem caixa k e colete, primeiro caixa K e depois colete, que é prá ficar certinho, o espaço dar certo...”*

*“Tem carregador que é desmazelado, toda mercadoria é sensível, conforme bate a caixa, machuca a mercadoria...”*

*“É a pessoa que respeita os outros, que respeita, que faz a carga direitinho, que não mexe com nada dos outros, chega põe as coisas com jeito, não derruba, não estraga”*

*“Tem carregador que não tem paciência, em vez de esperar até chega a querer gritar com dono de pedra, assim não dá; tem que saber esperar, quando tem dois*

*ou três carregador na pedra, é isso que faz o bom carregador.”*

*“Então um bom carregador, a gente sabe que ele carrega direito, não faz isso. E por exemplo, o G... lá, nos dias que carrego no campo, é ele que fica aqui, tentando vender a mercadoria que ficou. Ele fica aqui sozinho, vê? Acontece, o carregador vê, lá no meio (de um monte de caixas vazias) uma caixa sua, vai lá, pega e traz prá você. Isso é um bom carregador” (permissionário)*

*“Aquele que o comprador chega, faz a lista, entrega pra ele, e ele dá o caminhão pronto pro freguês. O freguês não precisa se preocupar, ele paga as contas dele, e vai embora.”*

O zelo é um ingrediente necessário à eficácia de uma organização do trabalho; e o que é o zelo no trabalho? É a engenhosidade, é o exercício de inteligência eficiente no trabalho, cujas características podem ser enumeradas, como, saber lidar com o imprevisto, com o inusitado, com o que não foi ainda assimilado ou rotinizado...(DEJOURS, 2000)

## **As dificuldades do carregamento**

Para a maioria, o que “é difícil” relaciona-se com fatores que de alguma forma, coloca em risco sua saúde, uma das facetas da precariedade do trabalho. Alguns dos fatores citados foram o peso da mercadoria, o formato das embalagens (caixas, sacos, engradados); o peso total do carrinho, o tempo de chuva que faz a carga pesar mais, as rampas (os galpões têm rampas de acesso, pois, ficam na altura da carroceria dos caminhões, para permitir a descarga das mercadorias)

*“Erguer o carrinho pesado (começar a transportar), pega na coluna... depois a gente tem prática, equilibra... é um molejo, amortecedor... tem que controlar, porque senão empina no ar...manejar no braço, não deixar tombar...se o corpo é maneiro [magro], sobe facinho [fácil] no ar.. se for muito alto é mais difícil de controlar altura (do carrinho), mas tem mais peso (compensa)”*

*“O mais difícil é subir e descer rampa, porque não tem freio, tem que ser no bra-*



ço; é peso, peso demais tem que alguém ajudar”

“A base é 20 caixas, até 25, mas judia, mas tem de carregar... o bom, bom mesmo seria 15 caixas...”

“Difícil o jeito de pegar a caixa; prá pegar a caixa tem jeito senão se esforça muito, trabalha mais - a caixa tem jeito prá pegar: caixa fechada tem que pegar inclinada, porque se pegar reto, faz muito peso, se torna mais pesada...”

“O perigo mesmo é subir na rampa...a única coisa ruim que você sente é subir rampa, precisa alguém ajudar, fica com fôlego assim.

“É tudo igual...difícil é abacaxi a granel, é melancia a granel, é pior pra carregar”

“É repolho, nessas caixas [engradados], é difícil de carregar. Repolho é a verdura mais pesada. Também tem batatinha, as sacas são de plástico, lisas, é ruim de lutar; mas isso não carrego sempre, é mais difícil.”

“Mas se tiver em engradado, engradado quebra muito e fica difícil de carregar”.

“Tem cliente ruim, aí ninguém quer, quando chega, todo mundo estava lá e aí já não está mais, sumiu tudo...ninguém quer, todo mundo sabe, aí se precisa, ninguém ajuda...”

Efeitos do trabalho sobre os corpos cansados e os corpos doentes

“Trabalhar é ser condenado a não poder fazer outra coisa, ainda mais quando o repouso aqui não é senão a reparação do trabalho”. (CINGOLANI, 1986)

“Chego em casa, vou tomar banho e curtir um pouco meus filhos. E durmo um pouco também. A gente fica cansado, né? Depende do tipo de serviço que pega aqui. Trabalho segunda, quarta e sexta. Não é igual todo dia. Tem dia que é mais igual. Na quarta e sexta, fico mais cansado, tem mais trabalho, mais movimento. Segunda é dia fraco...”

“No começo o braço fica quebrado, com batido, agora não, a gente acostumou... “Quando você começa a aprender a puxar, você pode machucar o calcanhar, ...”Se a gente não souber carregar, judia do corpo, prejudica a coluna.

“Se por eventualidade se acidenta, o carregador, se ele não tiver um fundo dele mesmo, ele morre a mingua. Se o carrega-

dor tiver dificuldades financeiras e não puder pagar SOLO, eles vão prender o carrinho..

“Esse rapaz mesmo [um carregador novo] foi atropelado; se não tivesse ajuda, tinha morrido mesmo. De fome também. A gente depende e muito de favores dos outros, a gente não tem nenhuma proteção aqui.”

“Tô tendo [dor na coluna], de um ano pra cá, começou a escapar os nervos, acho...Eu ia no massagista, na hora ficava bom, mas daí a uma semana, começava de novo...dá um mau jeito, fica tudo doído, inclusive essa semana, começou de novo...”

“Tem uns caras aí que nem são velhos, com muita dor por aí, precisam dormir com três travesseiros na costas, tanta dor...mas não sei de ninguém que parou por isso...Quando dói, todo mundo vai pro massagista; se for mais grave, aí não, mas a maioria vai no massagista mesmo.”

“Eles [os velhos] fazem umas carguinhas, já não dão mais pro pesado, não aguentam mais...uma carga grande eles já não pegam mais; quando carregam mais vão parando no caminho, duas, três vezes. Às vezes eles têm os fixos, que já fazem há muito tempo, aí os fregueses não se desfazem, então eles têm essa carga; tem alguns que vêm trabalhar só pra não parar de vez. No Natal, sabe, faltou carregador, aí um cara tava precisando de serviço e me falou: olhai, só esses velhos...tá faltando carregador...então você veja, o pessoal não pede pra eles, escolhem gente mais nova que aguenta...”

“É serviço que se a pessoa ficar muito tempo, ela morre. No começo não sente, é jovem, depois a gente começa a desgastar, não tem o mesmo ritmo. A gente se esforça demais, só pra agradar patrão, depois é que a gente vê.”

“E o que morre de carregador....Só no mês passado foram quatro, desse barracão. Morreram atropelados aí na pista.”

## **Formas de pagamento e as incertezas de receber: que precariedade!**

BIHR (1990 apud ANTUNES) considera que as várias categorias de precários têm, em comum, a instabilidade no emprego e de remuneração, a desregulamentação das

condições de trabalho, em relação às normas vigentes, com conseqüente regressão dos direitos sociais, bem como ausência da proteção e expressões sindicais, configurando uma tendência à individualização extrema da relação salarial.

*É muito desunido [os carregadores], só quando tem problema, te cumprimenta, aí vem conversar, contar suas coisas...Os carregadores são muito desunidos, você vê, até os camelôs que não são nada, criaram um sindicato...aqui a gente marca uma reunião, não vai ninguém, nem adianta. Enquanto o cara tá ganhando 300, ele nem quer saber do que tá ganhando 10; só procura quando tem algum problema..."*

*"A descarga, a gente faz e depois não recebe, a gente trabalha e não pagam. Aqui no Entrepasto não tem problema de [falta] serviço, o problema é receber..."*

*"Às vezes você faz o serviço, aí não paga, diz, deixa pra depois que pago, e não paga; aí desanima, né?"*

*Tem uns que se exige que pague, outros, deixa passar, pagar depois porque você sabe que vai acertar, pagam. Tem uns que vêm até de outros estados, Rio, Bahia, São Paulo; esses, tem que receber na hora.*

*"Ih, eu já trabalhei pruns quatro, faliu tudo, aí não pagam; sabe, falir aqui nas pedras é a coisa mais fácil, não vendem, aí vão fazendo dívida, aí não pagam a gente, vão embora sem pagar..."*

*"Aqui é o único lugar que tem que pagar pra trabalhar; tem que ter licença, cada carregador paga 13 reais, por mês, pra trabalhar...fazem promissória, tem dia pra pagar, cada dia de atraso pra recolher no banco, é um real por dia de atraso, que é pra ninguém atrasar... se atrasar muito, às vezes a gente fica com muita dívida, passam umas correntes no seu carrinho, não pode mais puxar o carrinho, trabalhar..."*

*"Se quebra? Quebra muito, a gente vende muito fiado. Tem que fazer negócio, arriscar. Não pode vender só à vista, não dá. Aí, a gente não sabe quem vem aí, não tem como cobrar. Eles levam a mercadoria, não tem prova que comprou. Não têm endereço, telefone. Tem varejão que quebra. Aí eles não pagam, fecham e não pagam. Sempre acaba devendo pra alguém. Às vezes chega a 20.000 (reais). Tem um aí que me deve 4.000. No Ceasa, ele deve 100.000. É muito dinheiro, são*

*10 carros zero, você vê? (permissionário, dono de pedra)*

*"Às vezes a gente trabalha pra um freguês, ele enrola a gente, promete que vai pagar no final de semana, e não paga, fica enrolando. A gente vai falar, e ele fica reclamando ainda..."*

*"Se muito freguês não paga, a gente não pode pagar também. Aí, fica ruim."*

## **A competição**

*"O trabalho diminuiu porque o mercado cresceu demais, em muito pouco tempo, e não compradores suficientes. Acho que o problema maior aqui é entrada de carregadores sem limite. Aumentou vendedor, aumentou carregador, mas não comprador".*

*"Alguns supermercados trazem os funcionários próprios... competem com a gente, tiram o trabalho da gente...como eles são registrados, os patrões querem economizar, aí tiram o trabalho de quem paga INPS, tá aqui por conta do trabalho..."*

*"Tá uma época difícil até pra gente, falta trabalho, não está bom, a gente não ganha bem...tem mais carregador do que é pra ser, mas eles (A Administração) vão pondo mais carregador, não perguntam o que a gente acha, São como Deus, vão fazendo sem perguntar nem o que a gente acha..."*

*"O serviço, o que segura a gente aí, que era acima do que eu ganhava. Aí a gente ficou esperando que melhorasse, a gente viveu de ilusão. Nos últimos três anos, fiquei sem aumento, segundo o que ele falou, era por causa dos planos econômicos, estava no vermelho, falou...aí, na segunda, pedi aumento, e ele simplesmente mandou embora.*

## **Uma boa carga: um pequeno sonho contra a precariedade**

Uma boa carga tem significados variados para os carregadores:

*"Uma viajinha, duas viajinhas, 10 reais; se a carga é grande, quatro contos é muito..." "é quando pego um bom freguês, que*

compra bastante mercadoria, carga pequena, então ganho bastante com pouca carga...”

O tratamento que o freguês dá, o respeito, a educação e o pagamento, é claro: “É quando a pessoa é boa [cliente] paga bem, trata você bem, é isso...”

Também pode ser uma carga pequena, e leve: “É quando pego um bom freguês, que paga bem e a caixaria é manera...” “Boa carga mesmo é pimentão, jiló, tudo manerinho...alface também é moleza...” “Seria uma carga de pimentão, beringela, seria leve e rápida...”

Pode ser uma carga ou descarga de caminhão e que seja de produto leve: “Que eu considero com carga baixa, de três de alta, que o caminhão encoste no horário e que pague bem...”

Ou ainda de ter serviço garantido para fazer: “Seria, vamos supor, você tem sempre serviço, prá você estar trabalhando; quanto mais serviço, mais você ganha...” “É uma carga que a pessoa ganha bem; toda feira é carga certa; feira são os dias que tem feira, que é segunda, quarta e sexta.”

Mas: “Pessoa viver de viajinha, não dá não” “Prá mim, é carga maior, quanto maior, mais ganho, né?”

O que consegue ganhar num dia de feira: “É do que ganhei.” [Passa um carregador, com umas cinco caixas, bem tranquilo. Ele fala, apontando para a carga]: “É como esse aí, pouca mercadoria, e paga a mesma coisa!” “É uma boa carga. Quer dizer, pra carregar no carrinho, em termos de peso, é o carrinho completo com 20 volumes. Se for menos, fica ruim, se for mais, fica sensível. Já em termos financeiros, é eu trabalhar numa carga e receber um bom preço.”

## Do que mais gostam

A noção de precariedade aqui tem a conotação de fragilidade estatutária e da instabilidade profissional que costuma se associar aos trabalhadores precários. Entretanto, ela não supõe que um trabalhador queira se estabilizar, ou que ao contrário, escolheu a instabilidade. A precariedade, começa com a questão: – além da necessidade vital do salário – **por que que-**

## rer o trabalho ou mais exatamente este trabalho?

 (CINGOLANI, 1986)

“É porque você é uma pessoa livre, você é quase independente, não tem ninguém prá te ficar mandando... e é descontraído também...” é a amizade.

“Gosto, acho bom demais, é o melhor serviço que já encontrei, esse, ninguém manda em você.”

“A gente brinca muito, se distrai, passa o tempo bem...”

“O dinheiro. O dinheiro e a amizade do povo. Trabalhando certo, você tem amigo, emprego fixo e fica sem depender de ninguém. É autônomo, né, prá mim, eu gosto, ninguém fica mandando em mim.”

“Do meu serviço aqui, o que mais gosto é que tô recebendo por mês. Estou trabalhando e estou recebendo. Eu faço e recebo.”

“Do serviço gosto de tudo em geral; sem serviço, gosto mais da lanchonete, tomar umas biritas...”

É a hora de ir embora, né?”

“Aqui todo serviço é bom; é pesado mas é bom - é como se fosse recreativo, os quatro dias de Ceasa são de ‘cabeça fria’, o tempo passa rápido”.

“O fato de não ter ninguém que mande fazer as coisas, eu sei meu serviço, não precisa ninguém dizer, acho que é um dos motivos que estou aqui até agora.”

A precariedade não é senão atitude que consiste em fazer um “compromisso violento” com o trabalho, para lhe tirar o tempo. A recusa não supõe, então, o desejo de acabar com todo trabalho, mas com uma condição para poder fazer o trabalho de outra forma, ou para finalmente, desesperar de não encontrar um outro, ou ainda, encontrar uma outra forma de viver.” (CINGOLANI, 1986)

## Conclusão

O trabalho, seria antes de mais nada, a experiência e o princípio da determinação de uma condição. Este horizonte é o fazer produtivo ou um tipo de atividades “terciários”, fragmentados, normatizados pela racionalidade funcional. Trabalhar, é ser condenado, não poder fazer outra coisa, ainda mais quando o repouso constituiu-se, somente, na recuperação do trabalho. É

também ser condenado a não possuir o tempo e inversamente, a viver o desejo do tempo livre sobre o modo do não trabalho. A precariedade, então, seria tão somente, a atitude que consiste em fazer um compromisso violento com o trabalho, para arrancar seu tempo....(CINGOLANI, 1986)

A precariedade atinge os trabalhadores de diversas formas, num mesmo trabalho. Podemos considerar as relações de trabalho, mas notamos que aparece com as formas de pagamento do trabalho, da organização de trabalho, cuja transparência não é nada evidente, dos riscos à saúde decorrentes da própria atividade, dos danos às mercadorias, que podem representar

prejuízos; das dificuldades de acesso ao trabalho, de como são vistos pela sociedade e do próprio contexto econômico social, que os afeta diretamente, pois quando os varejões "quebram" vêm-se sem receber pelo trabalho já executado, além do risco de não receberem pelo trabalho, que ocorre com certa frequência.

Apesar disso tudo, ainda encontram sua forma de bem viver.

Aqui, para os excluídos, só restam duas alternativas: a violência ou a solidariedade. Mas, a maioria resiste como pode; os trabalhadores conseguem levar suas vidas, mesmo nestas condições; aí está um bom exemplo.

## Referências Bibliográficas

ANTUNES, R.- Adeus ao Trabalho.- Editora Cortez, SP, 1995.

CATANI, A. D.- *Trabalho & Autonomia*.- Ed. Vozes, Rio Janeiro, 1996.

CINGOLANI, P.- *L'exil Du Precaire*.- MERIDIENS KLINCKSIEK, PARIS, 1986.

CLOT, Y.- *Le Travail Sans L'homme?* Ed. La Découverte, Paris, 1995.

DEJOURS, C.- *A Loucura do Trabalho*.- Oboré Editorial, São Paulo, 1987.

DEJOURS, C.- *A banalização da injustiça social*; Ed FGV, Rio de Janeiro, 2000.

DESSORS, D.- Precarité, Precarisation,

Santé: Lecture d'une instabilité multiple par la psychodynamique du travail.- *Archives Maladies Professionnelles*, 56, 3:176-180, 1995.

HIRATA, H.- Reestruturação Produtiva, trabalho e relações de gênero.- *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*.- 4,7, 5-27, 1998.

PMC-PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS.- *Guia Informativo Ceasa Campinas*, 1994.

SANDRET, N. – Santé, Precarisation et Precarité du Travail.- *Archives Maladies Professionnelles*, 56, 3:171-72, 1995.